



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

PROSTITUIÇÃO, SEXUALIDADE E RELIGIÃO: REFLEXÕES A PARTIR DA PASTORAL DA MULHER MARGINALIZADA NO BRASIL

Andreia Skackauskas

UNICAMP

andreiaskack@hotmail.com

Introdução

A descriminalização do aborto não me impede de pastorear rumo a uma vida em plenitude, com essas mulheres, que segundo Jesus elas são as que mais amam, e que segundo Jesus é as que me precederão no Reino dos Céus. Algumas delas fazem aborto e não posso, como educadora pastoral cristã, virar as costas para elas e nem culpá-las! (agente Pastoral da Mulher Marginalizada, 2008)¹

A fala da agente de Pastoral, utilizada à maneira de epígrafe deste texto, leva-me a questionar a existência de tensões entre os discursos feministas e os princípios cristãos presentes no trabalho da Pastoral que se direcionaas “mulheres em situação de prostituição”. Neste artigo procuro refletir como algumas ideias sobre os direitos sexuais e reprodutivos das mulheres defendidos pelos feminismos são trabalhadas em uma organização considerada braço da Igreja Católica, prestando especial atenção aos aspectos que aparecem como entraves para o avanço dos debates.

Neste texto mapeio brevemente as tensões, que foram captadas em meu trabalho de campo junto a Pastoral da Mulher Marginalizada Nacional (PMM), para refletir em que medida as visões feministas são apropriadas para a missão evangelizadora proposta por este grupo em torno do debate da prostituição. Faço uso, então, de entrevistas com as agentes que atuam na PMM; material escrito pelas mesmas; e observações que fui registrando em meu diário de campo.

¹Texto: “Sobre ser cristã, mulher, educadora pastoral e defender o direito à vida das mulheres” (mimeo).



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II

Campus de Ondina

Desde fevereiro de 2011 venho acompanhando sistematicamente o trabalho da PMM Nacional situada na cidade de São Paulo como parte da pesquisa de campo para a elaboração de tese de doutorado no curso de Ciências Sociais da UNICAMP. Propus um trabalho voluntário a equipe do Secretariado Nacional, como também são conhecidas as pessoas que trabalham na equipe da PMM Nacional, como forma de me inserir no campo. Neste trabalho acompanho a equipe em todas as suas atividades com as outras equipes da PMM espalhadas pelo país; em suas atividades com outros grupos e órgãos públicos; e em suas atividades com as prostitutas que se concentram no Parque da Luz (região central da cidade).

O uso do preservativo e o aborto são os temas elegidos neste texto porque tocam em assuntos extremamente delicados e ainda não resolvidos pela Igreja Católica – prostituição e sexualidade. E de certa forma, levam-me a fazer as primeiras reflexões sobre a imagem de prostituição construída pela PMM.

O preservativo

Minha primeira atividade com a equipe do Secretariado Nacional foi uma viagem à cidade de Rondonópolis, onde aconteceria o II Encontro das Mulheres em situação de prostituição de Mato Grosso, cujo título era “Mulher, Desafios e Aprendizagem”. O encontro foi realizado pela equipe da PMM de Rondonópolis. Como a viagem foi longa, tive tempo e oportunidade para explorar informações preliminares com a equipe da PMM Nacional que estava indo para participar e ajudar na organização do evento.

No trajeto me explicaram que a PMM está ligada ao setor de Pastoral Social da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), orienta-se pelas diretrizes desta instituição e se relaciona à Comissão Episcopal para o Serviço da Caridade, Justiça e Paz. Mas, de acordo com o relato das próprias agentes da PMM, os bispos assumem as mais variadas posições com relação a esta pastoral, uma agente até confessou que era nítida a oposição de bispos na reunião anual da CNBB ao trabalho da PMM. A PMM só pode existir, enquanto Pastoral, estando atrelada à Igreja Católica, mesmo não sendo



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II

Campus de Ondina

aceita por todos os bispos, como foi ressaltado, ainda assim o trabalho das equipes da PMM continua com o apoio de alguns homens do clero. Cabe enfatizar que não se trata de apoio financeiro por parte da CNBB e nem por parte das paróquias, este tipo de ajuda vem de organizações religiosas internacionais, quase sempre vinculadas aos princípios da Igreja Católica²; e de projetos com organismos públicos, como os Programas de Prevenção de DST/AIDS municipais e estaduais. Quando perguntei a esta agente o quê estava atrelado à oposição dos bispos, ela me respondeu que era o preservativo. Em sua opinião a Igreja Católica olha para a distribuição dos preservativos como um “pecado” e não como uma questão de saúde.

Esta posição com relação ao preservativo por parte do clero diz respeito aos preceitos teológicos, que, segundo Souza, ressoam desde o Brasil Colônia, e que justificam o ato sexual exclusivamente a procriação: “estes preceitos integravam a noção ocidental de casamento, que conheceu variações através do tempo (...) só dentro do casamento, e visando a procriação, é que o sexo era tolerado” (Souza, 1986, p.12)³. Por esta razão, a Igreja Católica sempre apresentou posições fortemente contrárias ao uso de métodos anticoncepcionais, haja em vista a luta travada com o movimento feminista nos anos 1960, por causa da pílula contraceptiva criada para as mulheres. O preservativo não era tolerado pelo Vaticano nem como forma de evitar doenças sexualmente transmissíveis, posição que vinha atraindo fortes críticas da comunidade internacional, em vista da situação alarmante de contágio por HIV no mundo⁴.

²A principal organização internacional que financia as Pastorais Sociais no Brasil é a alemã *Misereor*, que já declarou estar se afastando do Brasil no próximo ano.

³SOUZA, Laura de Mello. O padre e as feitiçeras – notas sobre a sexualidade no Brasil Colonial. In: VAINFAS, Ronaldo (Org.). **História e sexualidade no Brasil**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1986.

⁴“Bento 16 provocou revolta internacional em março de 2009 durante uma visita à África, continente devastado pela AIDS, ao afirmar à imprensa que a doença era uma tragédia que não podia ser combatida com a distribuição de preservativos, que na opinião dele até agravava o problema. A declaração foi fortemente criticada por países como a Alemanha e a França, além da agência da ONU (Organização das Nações Unidas) encarregada de lutar contra a propagação da Aids no mundo” (In: Folha.com em 20/11/2010).



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II

Campus de Ondina

Mas há quem atribuía o problema do preservativo entre os membros do clero a outra questão. Fiz a mesma pergunta à outra agente, religiosa, que tem mais de 80 anos de vida e mais de 40 anos na PMM, que me respondeu rindo: “os bispos têm problemas é com a sua própria sexualidade, mais do que com a sexualidade feminina, que desconhecem.” Peço que me explique isso melhor... “eles sabem usar o preservativo e os usam, mas o medo está na sua própria sexualidade que não é explorada, que não é conhecida por eles mesmos”. E riu ainda mais quando disse: “Eles até fazem sexo, como as próprias prostitutas afirmam, mas não sabem nada sobre a sua sexualidade que não é discutida”. Encarei o comentário jocoso como uma maneira que a agente encontrou de dizer que não era só apenas a sexualidade feminina que era controlada pela Igreja, mas também a masculina, a começar pelos seus próprios membros, que são privados deste conhecimento, embora não a deixem de experimentar. Cabe refletir sobre esse comentário da seguinte forma: como alguém que, supostamente, não compreende sua sexualidade vai conversar sobre isso com outras pessoas? Esta senhora agente me disse que no trabalho da PMM o tema da sexualidade estava sempre atrelado à saúde e fazendo uma cara de espanto me disse quase sussurrando: “as prostitutas não conhecem o próprio corpo, muitas não conhecem as várias práticas sexuais! Algumas me contavam que só faziam ‘o básico’ lá e não queriam saber de fazer mais coisas não! Tinham medo!” E riu muito quando me contou que muitas ainda não sabem usar o preservativo: “como assim? Uma prostituta que não sabe usar a camisinha? Como eu vou ensiná-la a pôr?” Em certo sentido a agente tem razão, como uma religiosa vai falar sobre preservativo ou sobre sexualidade com outra mulher que ganha a vida se relacionando sexualmente com vários homens?

O caminho então escolhido pela PMM foi concentrar na saúde das prostitutas, afinal de contas a epidemia da AIDS sempre esteve ligada a este “grupo de risco”. E mesmo desafiando a oposição do clero fizeram parcerias com os Programas de Prevenção contra a AIDS e doenças sexuais transmissíveis (DSTs). A equipe da PMM de Rondonópolis, por exemplo, em seu trabalho de abordagem sempre leva preservativos, oferecidos gratuitamente pela Secretaria Municipal de Saúde, para distribuírem entre as prostitutas que trabalham em postos de gasolinas que estão dispostos pela Rodovia Federal que margeia a cidade. E durante o Encontro em



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II

Campus de Ondina

Rondonópolis também pude observar a grande quantidade de participantes da área da Saúde, inclusive dois painéis foram direcionados para o tema da AIDS, as apresentações foram feitas por técnicas do Programa Estadual e Municipal de DST/AIDS.

As equipes da PMM investem no tema do preservativo, como um agente da cidade de Belo Horizonte me afirmou, pensando na saúde das mulheres pobres e iletradas que se prostituem e que são o seu público⁵. Esta equipe com apoio da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) produziu uma cartilha informativa sobre saúde sexual, esta teria sido escrita por uma equipe da Faculdade de Enfermagem⁶. Como se pode perceber, o trabalho de orientação sobre a saúde fica todo a cargo de parceiros e onde o tema da sexualidade é explorado, como nas equipes de BH e da cidade de Palmas no Tocantins, especialistas são convidados para falar para as prostitutas. Isso parece ser uma forma de driblar a falta de “conhecimentos” de muitos religiosos presentes nas equipes⁷ ou mesmo de superar alguns preceitos dentro da própria Igreja que não condizem mais com a realidade das práticas relacionais assumidas pelas pessoas na contemporaneidade.

O que não quer dizer que haja um acordo por parte do clero a respeito destas práticas assumidas pelas equipes da PMM. Uma agente da PMM da cidade de Várzea Grande, região metropolitana de Cuiabá, me contou no encontro de Rondonópolis que sua equipe foi surpreendida pelo bispo, que acompanha o trabalho desta equipe, quando arrumavam o material a ser distribuído no trabalho de abordagem. O primeiro material que o bispo viu se referia ao uso do preservativo, e como ela me explicou, rindo: “era

⁵ As equipes da PMM lidam com mulheres que trabalham na prostituição conhecida como “baixo meretrício”, isto é, que trabalham em regiões da cidade onde a prostituição é muito pouco valorizada por se tratar de áreas precárias, mulheres mais pobres e, em sua grande maioria, mais velhas. As sedes das equipes estão localizadas nessas regiões, como é o caso da equipe de Belo Horizonte, seu espaço se encontra dentro das intermediações dos hotéis na região central da cidade, conhecida como “zona da Guaicurus”.

⁶ A cartilha se intitula “Quem vê cara não vê contaminação” foi elaborada a partir de dúvidas das próprias prostitutas apuradas pela equipe da PMM. A cartilha recebeu o prêmio “UFMG Conhecimento e Cultura 2010”, como me informou o agente da PMM de BH que entrevistei no dia 20 de maio de 2011.

⁷ Tem equipes da PMM que são formadas exclusivamente por religiosos, religiosas em sua maioria. Há outras em que só há leigos que estão ligados a Igreja Católica. Mas há equipes em que estão presentes tanto leigos como religiosos.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

justamente aquele que explicava como colocar o preservativo!” Ela me disse que o bispo não gostou nada daquilo, as agentes sem graça não sabiam o que dizer. “E aí?” Perguntei querendo saber quais foram as consequências daquele ato e ela me contou que durante um tempo o material ficou guardado, mas depois voltaram a entregar quando a “guarda” do bispo baixou.

Depois fiquei refletindo sobre o assunto: teria o bispo esquecido do material? Teria ele acreditado que as agentes não o entregariam mais depois de sua repreensão? Ou ele simplesmente acatou a posição do Papa que passou a “aceitar” o uso do preservativo entre homens e mulheres que praticam sexo comercial como forma de se evitar a transmissão da AIDS⁸? A PMM, inclusive, recebeu com grande surpresa o comentário do Papa sobre o preservativo e viram isso de forma bastante afirmativa, como comentou a coordenadora pedagógica nacional da PMM. Ao que tudo indica foi bastante tardio o consentimento do Papa, pelo menos para as equipes da PMM. Contudo, cabe ainda questionar por que ainda membros do clero se posicionam contrários ao trabalho da PMM se até o Papa já “liberou” o preservativo para as prostitutas? Uma agente da cidade de São Paulo me corrigiu dizendo não se tratar de “oposição”, mas sim de desconhecimento e indiferença por grande parte dos homens que participam da hierarquia eclesiástica da Igreja Católica. Em sua opinião, o clero, em sua maioria, teria se voltado para a liturgia dentro das Igrejas, depois da euforia nos anos 1970 e 80 com o aumento e fortalecimento da ação das Pastorais Sociais. “Hoje em dia”, segundo suas palavras, “os padres estão mais interessados em encher as Igrejas ao invés de ir até os mais necessitados e oprimidos para realizar trabalhos verdadeiramente evangelizadores”. E fez questão de me lembrar: “não se esqueça, que a Igreja é uma instituição historicamente patriarcal e machista, Andreia, dirigida por homens!”

O aborto

⁸O Papa Bento XVI foi questionado quando a Igreja Católica não é fundamentalmente contrária ao uso da camisinha no livro intitulado: "Luz do Mundo: O Papa, a Igreja e os Sinais do Tempo", que é baseado em 20 horas de entrevistas conduzidas pelo jornalista alemão "Peter Seewald" (In: Folha.com de 20/11/2010)



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

Muitas das agentes da PMM com quem tive a oportunidade de me relacionar por mais tempo se apresentaram enquanto “feministas”, ou pelo menos diziam defender em suas ações ideias que consideram feministas, como lutar por uma sociedade mais igualitária para homens e mulheres; lutar contra a violência sofrida pelas mulheres; lutar pela saúde integral das mulheres; lutar pelos direitos civis das mulheres. Na visão de algumas dessas agentes, a mulher e, especificamente a prostituta, ainda está fora do alcance da visão e afirmação dos “homens da Igreja” e da sociedade “patriarcal” na qual vivemos. O trabalho da PMM seria exatamente o de resgatar a dignidade e a humanidade da prostituta dentro de relações de gênero mais justas, segundo a fala das agentes desta Pastoral. Contudo, elas se calam diante do tema do aborto.

O que não deveria causar nenhum estranhamento, na medida em que estão em uma Pastoral da Igreja Católica e ouvi mais de uma delas afirmarem que estavam realizando na PMM uma “missão profética”. Em uma apresentação da PMM na Escola Dominicana de Teologia na cidade de São Paulo, que tive a oportunidade de assistir, uma das agentes colocou da seguinte forma a razão que a impulsionava ao trabalho da PMM: “Muitas vezes nos perguntamos por que a prostituição? Uma parte só o inconsciente pode responder, mas é preciso também ter uma vocação para trabalhar com necessitados. Enquanto cristã batizada, eu vejo o meu trabalho como uma missão, também me vejo responsável pela construção desse reino na terra. Mas é preciso ter sensibilidade e desejo de participar na construção desse reino”. O professor de teologia da Escola que conduzia a apresentação então fez a pergunta que eu já tinha feito algumas vezes, mas só ele conseguiu uma resposta tão completa das agentes da PMM, que se sentiram extremamente confortáveis naquele ambiente:

A partir desse momento o professor se vira para seus alunos e os explica que a “mística” presente no trabalho das Pastorais consiste exatamente nesse processo de olhar o outro, olhar a situação de sofrimento dessas pessoas como um “prolongamento da cruz”. A agente da PMM afirma que para ela trata-se de um compromisso que assumiu de seguir a Jesus. E o professor pergunta proposadamente: “qual a diferença entre uma ONG e uma Pastoral?” A mesma agente responde que é exatamente este sentimento de Jesus com as mulheres e complementa: “não acredito na instituição, enquanto uma Igreja cheia de fieis, eu tenho uma motivação cristológica muito maior, uma espiritualidade que me empurra para os mais necessitados”. O professor afirma que elas encontraram sentido na mística e a agente consente dizendo que a compaixão e empatia a colocou no mesmo nível que as mulheres. E o professor então conclui: “é o olhar misericordioso que sustenta a ação”. A agente continuou explicando que para a sociedade civil a PMM é mostrada



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II

Campus de Ondina

como uma ONG, mas que não deixam de ter uma visão cristã, porque afinal elas se consideram missionárias (...) (Trechos do diário de campo – 24/05/2011)

Em outras palavras, as agentes da PMM se veem, antes de tudo, como mulheres cristãs em missão, mas que não deixam de questionar a própria Igreja Católica. Na continuação da apresentação próprio professor reflete sobre a prostituição dizendo um tema extremamente conflitante porque acaba tocando em outros assuntos delicados dentro da Igreja e cita como exemplo o uso do preservativo e as noções que dizem respeito ao direito de gerir o próprio corpo, como a prática do aborto. Ele se pergunta como a PMM vai lidar com o aborto e ele mesmo responde que a PMM deve acabar escolhendo a mística na medida em que haveria dois caminhos a seguir: ou a PMM opta por se tornar uma ONG e vai falar dos cuidados do corpo da mulher, como muitas organizações feministas que já existem; ou opta por seguir uma leitura cristã do tema. Uma das agentes logo complementa: “por isso devemos estar sempre atualizando a nossa ação no que diz respeito a realidade das pessoas, como o uso do preservativo. Como vamos dizer a uma mulher que tem várias relações sexuais ao dia que não deve usar o preservativo? Que não deve cuidar de seu corpo?” A outra agente da PMM presente tenta tocar no tema do aborto da seguinte forma: “não existe pessoa que mais defenda a vida do que uma prostituta. Essas pessoas apresentam uma cultura de vida muito distinta e é impressionante como elas se ajudam entre si”. E contou sobre o exemplo de uma prostituta que engravidou no Parque da Luz, região central de São Paulo, e que não tinha condições de criar mais um filho e foi outra prostituta, também pobre, que lhe ofereceu para cria-lo. O professor a interrompe para dizer: “a teologia precisa de vocês, esse trabalho revoluciona parâmetros dentro da sociedade e dentro da própria Igreja”. Cabe dizer que o professor em questão é um padre.

O que quero chamar atenção aqui é o fato de que a PMM de forma geral - enquanto uma ala dita “progressista” da Igreja Católica, com membros que se consideram feministas, e que consegue atualizar sua ação para a discussão sobre a sexualidade da mulher, para o uso do preservativo - não consegue ainda se manifestar para o tema do aborto. Já houve uma tentativa nessa direção, mas foi seriamente repreendida pela CNBB e pela própria PMM.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

Na ocasião do lançamento da Campanha da Fraternidade de 2008, a PMM, sobretudo o Secretariado Nacional, foi pressionada pela mídia a se pronunciar a respeito do tema sugerido naquele ano: “Fraternidade e Defesa da Vida” e o lema: “Escolha, pois, a vida (Dt 30,19b)”, que se refere ao livro de Deutoronômio da Bíblia. No texto de apresentação da Campanha, escrita pelo arcebispo de São Paulo, a questão do aborto é tocada como uma das formas em que uma vida indefesa é usurpada de participar “do banquete da vida”. A então coordenadora político-pedagógica da PMM Nacional naquele momento decidiu escrever um artigo, no qual faz questão de esclarecer o seu posicionamento “como educadora pastoral e mulher de fé” com relação ao aborto, pois como ela mesma escreveu: “é tempo de sair do muro!” No artigo a coordenadora deixa clara as suas referências e influências:

Tenho bebido da fonte do feminismo, de forma tão profunda como sempre bebi da fonte do Evangelho e da mística das antigas religiões matrifocais para seguir minha caminhada de vida. Mas, a maior de todas as motivações para eu escrever esse documento é o fato de ter convivido, visto e amparado uma quantidade mais do que significativa de mulheres que na prostituição precisaram fazer aborto, umas um, outras dois ou três, outras ainda mais de 20 abortos! (mimeo, 2008)

Ela ainda ressalta no texto a importância do pensamento feminista dentro da PMM:

Para a atuação da PMM, penso que seria benéfico, mas não imponho, se todas nós conhecêssemos estes pressupostos, esses princípios, essa metodologia e pedagogia do feminismo; sem fundamentalismos e preconceitos para com esse pensamento político e prática pedagógica que tanto têm colaborado para a transformação das sociedades e das culturas; do modo como elas veem e tratam as mulheres. Assim como nós, mulheres que trabalhamos com a Bíblia e pastoral temos nos empenhado em mostrar também às feministas de movimentos sociais que é possível uma exegese libertadora, com olhar e chaves de leituras libertadoras, da palavra de Deus e dos escritos pastorais, em benefício das mulheres. Principalmente daquelas que mais sofrem. Podemos, ainda, demonstrar que essa libertação é possível também em espaços religiosos, também na Igreja Católica (mimeo, 2008).

O que esta agente e coordenadora da PMM estava querendo dizer é que é possível ser feminista e agente da PMM ao mesmo tempo, o que de certa forma era



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II

Campus de Ondina

assumido por algumas agentes. Mas o ponto em questão é que nenhuma delas nunca havia se posicionado de forma tão explícita com relação ao aborto, mesmo diante da situação de violência a que consideram estarem mulheres submetidas quando são impelidas a viver da prostituição e de saberem da realidade das ocorrências dos abortos neste universo, como o fez a dita coordenadora:

Nós, na PMM, queremos que as mulheres sobrevivam com saúde, amor, integridade de seus corpos e que realmente possam continuar suas vidas, longe da necessidade de fazer ou não fazer um aborto. Mas, se um dia elas precisam fazer um aborto, penso que, sem pestanejar um minuto, deveríamos ficar ao lado delas para acolhê-las e ampará-las, defendê-las sempre e continuarmos nossa luta pela vida. Como, com certeza, muitas de nós educadoras pastorais já tivemos a oportunidade de fazer, também na clandestinidade. Assim como EU já fiz, não só uma, mas várias vezes. Continuamos apoiando-as na luta para que o seu direito a não se prostituir seja respeitado. Lutamos, portanto, pela vida em plenitude das mulheres (mimeo, 2008).

Embora deixe claro que usará a primeira pessoa do singular para escrever o texto, neste momento ela passa para o plural, o que acabou por comprometer toda a posição do grupo, que há muito procurava não se “meter” na complexidade do tema. O texto foi como uma “bomba” para a PMM, a CNBB convocou uma reunião extraordinária apenas para debater o teor do artigo e a presidente da PMM foi convocada para esclarecer como uma Pastoral da Igreja Católica estava à favor do aborto. Nesse momento já não adiantava mais a presidente argumentar que aquele texto não era a favor do aborto, como deixa clara a sua autora a sua defesa pela “descriminalização das mulheres” que cometem o aborto:

Entendo que absolver ou condenar as mulheres que fazem aborto não é a discussão suficiente e proveitosa sobre o direito à Vida. Penso que devemos ver todo o entorno da questão como algo muito maior; ver as conjunturas, os cenários; desconfiar das respostas prontas; desconfiar das sentenças prontas; ouvir com abertura o contraditório, o “outro lado”; desconfiar das chaves de leituras que nos têm apresentado. Não aceitar simplesmente o “contra” ou a “favor”. Se mulheres que fazem aborto em situação de opressão e miséria merecem ser presas e culpabilizadas porque o fazem, merecemos muito mais, não só por essa questão social, mas também por tantas outras que toleramos: exploração sexual de crianças, adolescentes, tráfico e exploração sexual de mulheres, a pedofilia, a fome, a desnutrição e morte de crianças e adolescentes pelas ruas! (mimeo, 2008)



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II

Campus de Ondina

A coordenadora não foi excomungada ou expulsa da PMM, como seu mandato já estava no fim (2010 era seu último ano de mandato), ela foi transferida em 2008 para sua equipe de origem em Palmas no Tocantins. Ela me contou em entrevista que por um tempo as coisas ficaram muito difíceis para ela dentro da PMM, de certo muitas equipes da PMM se afastaram da PMM Nacional explicitamente por causa do ocorrido e muitos membros do clero retiraram seu apoio. Em Palmas, ela disse que a diocese tentou por várias vezes boicotar a equipe da PMM, inclusive tentou fechá-la, mas resistiram. A PMM em Tocantins representa a articulação da região Norte do país e esta agente sempre foi conhecida pela sua eficiente articulação entre vários movimentos sociais e pela sua habilidade no estabelecimento de parcerias políticas e sociais. Ou seja, mesmo sendo feminista “à favor do aborto”, esta agente é uma peça de extrema qualidade dentro da organização, então antes tê-la como aliada à distância a perder definitivamente uma agente de PMM “fiel aos seus valores cristãos”⁹.

Depois do conhecimento desta estória fiquei realmente intrigada: será que é possível fazer o diálogo entre feminismo e religião? E analisando a posição de desconforto que vive essa agente – na PMM é criticada por sua visão feminista quanto ao aborto, tema “intocável” pelos católicos e no movimento feminista se sente excluída porque trabalha com a prostituição, tema evitado pelas mulheres – me pergunto: é possível ser feminista dentro da PMM? A questão na verdade gira em torno de como esse grupo acaba vendo a prostituição.

Reflexões sobre a prostituição

A visão assumida da PMM sobre a prostituição é de ser esta uma situação de violência que a mulher foi impelida a assumir como forma de sobreviver ao contexto social econômico e político totalmente degradante para sua vida enquanto ser humano, como fica explícito neste trecho do texto da coordenadora nacional da PMM:

⁹Uma das principais dificuldades de sobrevivência das equipes da PMM é a manutenção dos agentes. Em uma organização de Pastoral seus membros em sua grande maioria são voluntários e, como dito antes, não sendo a PMM uma ONG, os valores cristãos devem mover, sobretudo, a ação e a intenção de quem vem trabalhar numa PMM.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

Para a Pastoral da Mulher Marginalizada a prostituição não é trabalho, não é profissão, e sim, uma situação de violência e de exclusão social. Não é possível que como discípulas e discípulos de Jesus Cristo e da crença e defesa dos Direitos Humanos permitamos a comercialização do corpo de uma pessoa em troca de dinheiro para subsistência e que ela seja considerada natural, principalmente quando as mulheres o fazem porque não encontram alternativas de vida (mimeo, 2011)¹⁰.

No entanto, o que era dado como certo e definitivo, começa a ser questionado dentro de alguns limites. Os próprios agentes assumem que em seu trabalho de abordagem cada vez mais estão se permitindo “ouvir” as vozes das mulheres que lhes dizem que há prazer em estar na prostituição. No encontro de Rondonópolis, uma jovem mulher se manifestou durante uma dinâmica: “eu adoro ser prostituta!” E explicou que saiu de casa com 14 anos para se prostituir por pura vaidade, pois não precisava, sua família nunca foi miserável. A sua dificuldade com a família ou com seus companheiros estava no fato de que adora sair a noite, como disse: “eu não consigo ficar em casa, eu gosto mesmo da noite! É um vício! Para mim é normal!” A fala da jovem parece que deu coragem para uma mulher mais velha se pronunciar e depois de 15 anos de convivência com a PMM foi a primeira vez que esclareceu tão abertamente seus sentimentos para os agentes da PMM, como me confidenciou uma delas. A senhora contou ao grupo que na sua condição de viúva, com filhos pequenos para criar, sem estudos e desempregada a sua única solução foi se prostituir. Ela se prostituiu por 15 anos e disse sorrindo: “e passei a gostar!” Mas nos contou que atualmente não se prostitui mais, pois encontrou um parceiro que a apoia, mas ri dizendo que só saiu mesmo por causa da doença que lhe atinge o coração e que de vez em quando volta (e caiu na gargalhada).

Para a minha surpresa esses depoimentos foram vistos pelos membros da PMM Nacional de forma bastante positiva, porque percebiam que o trabalho de vinculação com as prostitutas estava dando certo naquele local. Os agentes da PMM têm ciência que a aproximação com as mulheres se baseia na leitura de *scripts* muito bem delineados, a mulher diz que está ali por causa da necessidade, que está ali só por causa dos filhos e os agentes as encorajam a perseguirem seus sonhos, as direcionam para cursos

¹⁰Este texto que tem como título: “Dia para comemorar ou indignar-se?” foi escrito justamente para o dia 2 de junho instituído pelo movimento internacional de prostitutas como sendo o dia das prostitutas.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

profissionalizantes ou ficam ali lastimando as condições duras de vida das mulheres... aí quando uma diz que gosta de estar ali, os agentes ou as escutam ou podem criar algum distúrbio infantil para justificar aquele “sentimento sem sentido”, o que fatalmente as afastará! Mas o que percebo é uma abertura dentro dos limites dos princípios cristãos um entendimento das “atualizações” das realidades por parte dos agentes. Como um agente colocou: “a PMM trabalha no limite – quer que a mulher saia da prostituição, mas também tem que entender e acolher aquelas que querem continuar na prostituição”.

Esse limite, na verdade, terá que tocar nas interpretações preconcebidas pelos próprios agentes. Em certo momento uma agente desabafa depois de refletir sobre a complexidade do universo da prostituição dizendo: “cada vez fica mais difícil de explicar, nós não sabemos conviver com o caos! Essa é a verdade! Precisamos explicar tudo para nós mesmos!” E ela mesma observa: “quando eu digo para a mulher que a sua situação é difícil eu preciso mesmo dizer isso? Eu estou justificando isso para mim mesma! Eu preciso realmente dizer isso?” Neste sentido, cabe dizer que a expressão “mulher marginalizada” é uma construção das agentes da PMM¹¹, que causa estranhamento por parte das próprias mulheres que se prostituem como pude constatar em campo. Um dia antes do Encontro em Rondonópolis começar, na noite anterior, acompanhei algumas agentes até um posto de gasolina onde reforçariam o convite para que as prostitutas participassem do Encontro. Quando uma agente deu o folder do Encontro a uma delas, a mulher perguntou: “por que marginalizada?” E disse em tom de brincadeira: “Eu sou tão pobrezinha... mas não roubamos nada de ninguém!” Ninguém deu uma resposta àquela mulher, mas depois uma das agentes se virou para mim, já longe das prostitutas e disse: “tá vendo como elas não se dão conta de sua situação?”

As prostitutas são vistas pela PMM como um “grupo de fronteira”, como um dia me explicaram algumas agentes, na medida em que é um grupo que se encontra à margem da sociedade, ao mesmo tempo em que se encontra presente no convívio social. Esta é a explicação que a PMM precisa para dar suporte ao seu próprio trabalho e, em certo sentido, para delimitar os papéis do agente e da prostituta que precisa ser acolhida.

¹¹Embora seja o “título” adotado pela Pastoral a nível nacional, ele não é assumido por todas as equipes. A equipe de BH, por exemplo, usa “Pastoral da Mulher”, pois, segundo o coordenador, as próprias mulheres acharam inapropriada a palavra “marginalizada”, por não se verem em tal situação.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II

Campus de Ondina

Essa delimitação, em certa medida, é justificada pelos princípios cristãos e mesmo por ideias feministas, mas se baseia na percepção que as próprias prostitutas têm de sua vida.

O que quero deixar, na verdade, como reflexão inicial para o meu trabalho que ainda está em andamento é: como as tensões entre a ação missionária e as ideias feministas vão conseguir dar suporte a imagem de prostituição construída pela PMM sem o avanço dos debates que dizem respeito ao controle e autonomia dos corpos das mulheres? Afinal, como essa imagem vai suportar as atualizações que estão lhe sendo apresentadas pelas próprias prostitutas?